



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## **PRAÇAS SÃO-BENTENSES: O LUGAR DA PRAÇA E SUAS REPRESENTAÇÕES NO URBANISMO MODERNO NA NOVA RELAÇÃO PESSOA-ESPAÇO.**

Dilermando Pereira Torres Neto\*

### **URBANIZAÇÃO E PRÁTICAS SOCIAIS: A MODERNIDADE EM SÃO BENTO DO UNA-PE**

1

“As praças representam verdadeiros nós de confluência social e são espaços essenciais ao cotidiano da cidade”<sup>1</sup>.

Junia Marques Caldeira, **A praça brasileira:  
trajetória de um espaço urbano**

O processo de urbanização das cidades do Brasil irá gerar novos comportamentos sociais que por sua vez corroborarão na construção de novas práticas de sociabilidade. Com o advento da modernidade do espaço urbano das cidades as pessoas começarão a (re)criar novos hábitos oriundos do processo de modernização. Os signos do moderno, aos poucos, começarão a ser cada vez mais explorados pelos habitantes das urbes. Desde a iluminação pública noturna até mesmo lugares com estruturas modernas equipadas como o serviço de som elétrico, por exemplo, onde era

---

\* Especialista em História. e-mail: diler.torres@gmail.com

<sup>1</sup> CALDEIRA, Junia Marques. **A praça brasileira, trajetória de um espaço urbano**: origem e modernidade. (Doutorado em História), IFCH/UNICAMP, 2007, p. 4.

possível organizar eventos com bandas utilizando recursos modernos de som – deixando de lado algumas vezes a tradicional banda da cidade que começará e precisará se transformar diante de tais mudanças – as pessoas vão criando novas formas de encontro, bem como quebrando alguns tabus e pensamentos que por sua vez não conseguiram acompanhar as ideologias modernas. A modernidade no espaço urbano de São Bento vai convidar os cidadãos a gerir novos comportamentos. Estes novos hábitos serão os causadores das rupturas do tradicional na implantação do moderno. Em seu artigo “A Cidade e a Modernidade”, Luiz Antônio da Costa nos relata que

A modernidade incorporou características de descontinuidade em relação às ordens sociais tradicionais, como a velocidade intensa do ritmo de mudança, um escopo de mudança global e a natureza intrínseca das instituições modernas [...]<sup>2</sup>.

Após a construção do novo Prédio da Prefeitura, casas residenciais e comerciais começaram a mudar suas fachadas. As calçadas, se assim podemos chamar, pois não havia calçamento por completo no centro da cidade na década de 1940, eram preenchidas de árvores que por sua vez serviam de sombra, por exemplo, nos dias de feira. Alguns bancos eram colocados próximos a estas árvores favorecendo maior “comodidade” para quem quisesse fazer suas compras. Depois das significativas mudanças urbanas introduzidas pelo prefeito Manoel Cândido, muitas pessoas na reforma de suas casas e na busca de tornar visíveis tais mudanças acabavam derrubando as árvores deixando à mostra suas residências. Era uma forma de chamar a atenção dos transeuntes do centro da cidade, bem como ostentar sua posição social em relação à sociedade principalmente no tocante a sua condição financeira. Com a colocação de meios-fios, delimitando o espaço da calçada e da rua, poucas pessoas tinham condições de investir, no início, na construção de calçadas das suas respectivas residências. Ter uma casa onde sua frente é cimentada era motivo de orgulho por parte de alguns poucos e inveja por parte de outros. O centro ia cada vez mais se elitizando expurgando para as suas periferias aqueles que não tinham condições de ter residências nas proximidades dos prédios mais importantes da cidade àquela época como a Padaria Sertaneja, o Prédio da Prefeitura e Fórum, a Igreja Matriz etc. Estas pessoas com poucas condições

---

<sup>2</sup> PEREIRA, Luiz Antônio da Costa. A cidade e a modernidade. **Presença: revista de educação, cultura e meio ambiente**, v. 5, N°23, nov. 2001, p. 2.

financeiras começam a se estabelecer cada vez mais nas proximidades da Igreja Matriz, em especial no espaço que ficava depois da Praça da Matriz. Em relação à localização da Igreja Matriz e o crescimento urbano da cidade uma coisa nos chama a atenção pela sua peculiaridade. Geralmente as Igrejas nos períodos colonial, imperial e início da república eram construídas próximas aos principais rios locais onde geralmente se estabeleciam os primeiros grupos familiares. Na medida em que as pessoas desenvolviam uma dinâmica comercial, que por sua vez geravam certo crescimento populacional e estrutural do lugar, novas construções eram feitas ao redor da Igreja. Entretanto, algo curioso aconteceu em São Bento. Após a transferência da feira da frente da Praça da Matriz, que fica em frente à Igreja, para a Praça Marechal Deodoro da Fonseca, hoje Cônego João Rodrigues, toda a dinâmica de crescimento urbano dar-se-á aos fundos da Matriz do Bom Jesus ficando sua frente “esquecida”, em parte, pela elite local. Como diria alguns são-bentenses “a cidade cresceu pra trás”. Porém, esse jeito diferente de crescer da cidade não irá dispensar cuidados em relação ao implante dos signos modernos nestas localidades. Fazemos lembrar que foi no lugar onde fica a frente da Igreja que os primeiros habitantes começaram a estabelecer morada. Portanto, seu crescimento foi algo lento, porém contínuo, apesar do redimensionamento das atenções das elites locais.

É na Praça da Matriz que estava instalado o chafariz municipal que atendia às necessidades dos moradores do centro da cidade que no ano de 1940 tinha 2.233 habitantes<sup>3</sup>. Lá, segundo o são-bentense Sebastião Bernardino de Souza, as pessoas, principalmente as mulheres conversavam de tudo ao buscar água e às vezes esqueciam-se do tempo.

A Praça da Matriz não era como a de hoje não. Era mais simples. Tinha uma chafariz onde as mulheres e as vezes crianças, a mando de suas mães ou de alguém que lhe davam um trocado buscavam água. A meninada fazia a festa. Brincavam e ganhavam um dinheirinho. Tinha menino que pra ganhar dinheiro ficavam próximos do Chafariz oferecendo seus serviços pra carregar os baldes com água. As mulheres quando iam buscar água cedo era um “converseiro” só. Não sei onde buscavam tanto assunto pra conversar. E olhe que a cidade

---

<sup>3</sup> IBGE. **Anuário Estatístico do Brasil**. População do Brasil, na data do recenseamento Geral de 1940. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos\\_xls/palavra\\_chave/populacao/densidade\\_demografica.shtm](http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_xls/palavra_chave/populacao/densidade_demografica.shtm). Acessado em 28 de outubro de 2011.

não era tão grande não. Tricotava e fofocava um monte de assunto o dia todo<sup>4</sup>.

Estes e outros espaços da cidade foram palcos de inúmeras experiências vividas pelos cidadãos de São Bento. A cidade, segundo Luiz Antônio, é “uma das grandes expressões de modernidade” nela “se dá toda a dinâmica interativa dos agentes presentes desse espaço”<sup>5</sup>. O estudo sobre o fenômeno urbano, introduzido pela história cultural, trás uma análise sobre a cidade que para Sandra Pesavento

Não é mais considerada como um *locus* privilegiado, seja da realização da produção, seja da ação de novos atores sociais, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais<sup>6</sup>.

Entretanto, compreende a cidade como espaço de sociabilidade, onde a mesma

comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação de domínio e transformação de um espaço natural no tempo<sup>7</sup>.

4

E conclui dizendo que

A cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver *urbano* e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia<sup>8</sup>.

Essa revelação de emoções vai se acentuando na medida em que as pessoas buscam inserir-se nestes novos espaços urbanos tornando-se partícipes das transformações e da relação pessoa-espaço.

---

<sup>4</sup> Trecho de uma entrevista concedida por Sebastião Bernardino de Souza em julho de 2011.

<sup>5</sup> PEREIRA, Luiz Antônio da Costa. Op. cit., p. 3.

<sup>6</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História. São Paulo, vol.27, n.53, jan-jun. 2007, p. 13.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>8</sup> Idem. Ibidem, loc. cit.

## **A PRAÇA AGAMENON MAGALHÃES: OS ENCONTROS, NAMOROS E FOFOCAS AO SOM DE MÚSICAS**

Certamente um dos lugares públicos mais visitados e utilizados em nossas cidades é a praça. Ela geralmente congrega pessoas de diversas classes sociais. Para Soares, as praças são “as mãos de uma cidade. Elas representam lugar de encontro, ou promessa de encontrar”<sup>9</sup>. O cotidiano das pessoas em São Bento do Una tinha a praça como um dos seus principais palcos de realização e vivência humana. Era comumente frequentada em todos os seus horários, com ressalva no período noturno que geralmente era controlado pelo funcionamento do motor que gerava energia elétrica para a cidade fazendo, assim, muitos regressarem mais cedo para suas residências. Sebastião Bernardino de Souza nos relata um pouco sobre o cotidiano de uma das praças da cidade recordando o dia-a-dia de um senhor que frequentemente gostava de ir à praça.

As pessoas gostavam de sair um pouco de casa pra ver a rua, ficar na praça pra conversar sobre as coisas da cidade e das pessoas. Tinha um senhor, que não lembro o nome, que toda tarde por volta das quatro horas ficava rodando na praça. Uns diziam que ele estava “brocando” outros se enxerindo pro lado das mocinhas. Era meio brabo. Só ia pra casa quando a Padaria Sertaneja fechava. Certa vez, vi uma mocinha passando com um rapaz perto dele. Ele ficou olhando pra moça e eu vi a hora do rapaz ir pra cima dele. A gente ficava de olho pra ver o reboleço acontecer. As vezes saíamos de perto quando percebíamos que ele vinha pro nosso lado pra dá uma bronca na certa. Quem tivesse juízo que ficasse<sup>10</sup>.

A Praça “Historiador” Adalberto Paiva já teve vários nomes desde sua construção, final da década de 1940 na gestão do prefeito Lívio Valença. Seu primeiro nome homenageava um dos importantes governadores daquela época, a saber, Agamenon Magalhães. O segundo nome fazia alusão ao segundo presidente do Brasil o Marechal Floriano Peixoto. Depois foi rebatizada com o nome de Praça Barão do Rio Branco. Praça Rádio Clube foi o quarto nome que a praça teve. A mesma recebeu esta denominação devido aos 50 anos da fundação da Rádio Clube de Pernambuco. Entretanto, esse nome não durou muito tempo, sendo a mesma novamente “batizada” agora com o nome de Praça Teotônio Vilela, senador do Estado de Alagoas e que ainda

<sup>9</sup> LLORCA apud SOARES, Elizabeth Nelo. **Largos, coretos e praças de Belém – PA**. Brasília, DF: IPHAN/Programa Monumenta, 2009, p. 9.

<sup>10</sup> Trecho de uma entrevista concedida por Sebastião Bernardino de Souza em julho de 2011.

hoje não se sabe bem o motivo de tal homenagem. Por fim, hoje é conhecida como Praça “Historiador” Adalberto Paiva sendo o seu sexto nome. Esta praça fica defronte ao Prédio da Prefeitura e é um dos espaços mais movimentados da cidade. Ao seu redor está a tradicional Padaria Sertaneja fundada por Rodolfo Monteiro Paiva onde geralmente pessoas ficavam e ainda ficam hoje nas suas escadarias conversando e vendo o “movimento da rua”. O União Sport Clube de São Bento do Una possuía um equipamento de som em sua sede situada na Rua João Pessoa, bem como, alguns alto-falantes que ficavam localizados em alguns pontos da cidade, principalmente no seu centro. Alguns “membros remidos”, como eram chamados os sócios do clube, e também alguns voluntários ficavam encarregados de transmitir alguns informes como também, por exemplo, noticiar a chegada de algumas pessoas na cidade, geralmente pessoas de destaque da mesma. “Gostaríamos de comunicar que o senhor Fulano está chegando do sítio com sua família. Sejam bem-vindos entre nós”. Além disso, algumas músicas eram tocadas durante o dia quebrando o silêncio rotineiro da urbe. Essa novidade impressionava as pessoas que transitavam na cidade. Algumas pessoas como a jovem Ivete Cintra, Leone Valença, o senhor Nô Paiva entre outros eram responsáveis pelo funcionamento do serviço de som. Poesias, informes e muitas músicas eram transmitidas diariamente pelo serviço de som do União Sport Clube.

6

O repertório musical daquela época era gostoso de se ouvir. As músicas tinham conteúdo. Não era essa pouca vergonha de hoje que só tem batuque e nada de conteúdo. Os rapazes ofereciam músicas não pra ver as moças se requebrando desengonçadas, mas para chamar a atenção delas ao ponto de emocioná-las. Isso era o auge do sentido de se enviar uma música para uma moça e é claro conquistar o coração da gente<sup>11</sup>.

As escadarias da Padaria Sertaneja era um ótimo espaço para os jovens, principalmente os rapazes, ficarem conversando e olhando as moças que geralmente andavam juntas de braços dados respondendo com olhares as investidas dos garotos. Acerca disso Silva, fazendo uma análise sobre o *relacionamento amoroso entre*

---

<sup>11</sup> Trecho de uma entrevista concedida por Zuleide Barbosa da Silva em setembro de 2011.

*adolescentes*<sup>12</sup> entre as décadas de 1930 a 1950, bem como suas peculiaridades, nos diz que

Uma das práticas de encontros entre jovens que facilitou as escolhas amorosas, característica das décadas de 30, 40 e 50 do século XX, foi o *footing*<sup>13</sup>. Foi utilizado pelos indivíduos como ocasião para o *flirt*, apertuguesado para flerte, as trocas de olhares, sorrisos, gestos significativos de modo dissimulado, que expunham moças e rapazes à conquista e à sedução. No *footing*, as moças, caminhando lado a lado de suas amigas, de braços dados, avaliavam seus tipos de interesse, tentavam decifrar seus sinais e símbolos exteriores, comparavam os rapazes e estabeleciam, com eles, relações preliminares, exploratórias, de confiança, antes de assumirem qualquer momento de conversa ou intermediação para um futuro namoro, ou mesmo algum compromisso menos sério [...].

Beijar na boca, ficar abraçada impudicamente com um rapaz em praça pública era motivo de falação e infâmia para uma moça daquela época. No máximo era permitido pegar na mão e olhe lá. A modernidade não trouxe tão rápido, principalmente para as cidades interioranas, uma atmosfera mais ampla de liberdade para a mulher. Ao contrário do que estamos vendo hoje em dia, em que a mulher toma a dianteira, era o homem quem deveria, por uma questão sociocultural, tomar a iniciativa no que diz respeito às investidas, os pedidos de namoro, noivado e casamento. Além disso, depois de tê-la conquistada, buscava regular sua conduta. A historiadora Mary del Priore descreve alguns passos que o rapaz deveria seguir, quanto ao compromisso amoroso mais sério para com a mulher, nos “anos dourados do Brasil”, em meados do século XX, da seguinte maneira:

---

<sup>12</sup> SILVA, Sheyla Pinto da. Considerações sobre o relacionamento amoroso entre adolescentes. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 22, n. 57, Ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/>. Acesso em 26 de novembro de 2011, p. 29.

<sup>13</sup> *Footing* é uma palavra inglesa que significa entre muitas coisas “andar a pé, passeio a pé”. Fazer o *footing*, comenta Silva, “era passear, isto é, caminhar pelas avenidas, praças, parques e passeios das cidades que se modernizaram imitando as metrópoles europeias, exemplo do Rio de Janeiro, reformado por Moreira Passos no início do século. O costume provavelmente foi importado de Londres ou Paris e introduzido no Brasil na primeira década do século XX pelos franceses. A partir dos anos 30 e até meados dos 60, constituiu-se em uma oportunidade para encontros entre moças e rapazes em pequenas cidades”. A autora diz ainda que “rapazes e moças formavam círculos ao redor de toda a praça, sendo que este era formado pelas moças andando em sentido anti-horário, e os rapazes, circundando o círculo das moças, andavam em sentido horário. Os dois movimentos, em sentidos opostos, facilitavam o “olho no olho” e os sorrisos, pois os jovens ficavam frente a frente em cada volta dada. Quando um rapaz se interessava por uma moça e ela por ele, eles saíam da “roda” para conversar e se conhecerem, saindo dos círculos”. SILVA, Sheyla Pinto da. op. cit., p. 42.

Quanto às formas de aproximação e compromisso, o *flerte* – agora apertuguesado – continuava como o primeiro passo de um namoro mais sério. Regras mínimas para os encontros eram bem conhecidas. O rapaz devia buscar a moça em casa e depois trazê-la de volta, mas, se ela morasse sozinha, ele não poderia entrar; o homem sempre pagava a conta; moças de família não abusavam de bebida alcoólica e, de preferência, não bebiam; conversas ou piadas picantes eram consideradas impróprias; os avanços masculinos, abraços e beijos deviam ser firmes e cordialmente evitados; a moça tinha que impor respeito<sup>14</sup>.

Homens adultos também compartilhavam do mesmo espaço, porém com certa descrição. Estes homens, muitas vezes compromissados, gostavam de impressionar as moças solteiras e algumas, por sua vez, correspondiam. Entretanto, não podiam fazer suas declarações explicitamente, diante das demais pessoas. Para isso usavam pseudônimos quando queriam mandar uma música para alguma moça.

Quando eu trabalhava no serviço de som eu via geralmente algumas pessoas, na maioria das vezes homens comprometidos, querendo impressionar, emocionar uma moça usando códigos, pseudônimos que em alguns casos eram combinados entre o casal. Era comum se ouvir na praça, por exemplo: ‘Coco verde oferece esta música com muito carinho para Melancia’. Sabíamos às vezes até quem eram, mas não ousamos comentar. Era muito engraçado (risos). Como é bom lembrar essas coisas<sup>15</sup>.

É de se notar que mesmo com um cinema na cidade as praças eram bem movimentadas. Fazemos lembrar que, como o cinema não funcionava todas as noites as pessoas buscavam outras formas de divertimento e conseqüentemente a praça se tornava um espaço ideal não só para o lazer, mas para a socialização entre os habitantes e até mesmo com os visitantes da cidade. Como afirma Pereira “o homem na cidade modela e é modelado, muda e é mudado, sente a liberdade e se identifica, os cenários se alternam, as imagens mudam, tudo é dinâmico, plástico”<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup> DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011, p. 163.

<sup>15</sup> Trecho de uma entrevista concedida por Lúcio Mota em dezembro de 2011.

<sup>16</sup> PEREIRA, Luiz Antônio da Costa, op. cit., p. 5.



## **A PRAÇA E AS ATIVIDADES PÚBLICAS: OS DESFILES E A FESTA DO CENTENÁRIO DA CIDADE**

Pela sua centralidade as praças sempre foram palco de diversas manifestações coletivas na cidade. Desfiles cívicos, estudantis, comícios políticos, festas religiosas foram e continuam sendo práticas realizadas nestes espaços públicos. Os habitantes de São Bento do Una a partir da década de 1940 irão presenciar de forma intensa várias movimentações festivas na cidade. Soares nos relata a praça da seguinte maneira:

Ao longo da formação da sociedade humana, desde os primitivos espaços cercados de proteção utilizados pelas primeiras tribos sedentárias até a organização social mais civilizada, a praça sempre foi cenário de festas, reuniões, passeios, comércio, encontros e desencontros, descanso, convulsões sociais<sup>17</sup>.

A cada dia que passava as pessoas iam se adaptando as novas realidades da cidade. Para alguns, tantas mudanças eram vistas com cautela. Para outros, porém, tudo o que estava acontecendo trazia cada vez mais novas formas de relacionamento entre as pessoas que buscavam compreender as funcionalidades dos espaços e dos signos modernos. A praça que para alguns poderia ser um espaço de vadiagem e desocupados era cada vez mais explorada e visitada por aqueles que buscavam nela novas aventuras, novos prazeres novas formas de se viver, tanto a cidade quanto na cidade. Essa nova forma de vida criava novos comportamentos e novos entendimentos da relação entre pessoa-pessoa e pessoa-espaço. Estes, por sua vez rompiam com os costumes tradicionais que, deveras, buscavam cada dia novas explicações e justificações para sobreviver diante da “onda” da modernidade. Eram nas praças, em alguns momentos, que grandes eventos, promovidos na maioria das vezes pela elite local, aconteciam de forma ostensiva. Além dos costumeiros encontros dos cidadãos ocorridos nas praças outros eram promovidos como uma forma de manifestação da civilidade, por exemplo, ocorridos nas comemorações das festas de emancipação política da cidade. Muitas pessoas, às vezes, vivenciavam tais festividades sem ao menos conhecerem sua gênese bem como sua construção. Uma das práticas que geravam uma certa ansiedade pela sua realização era o tão aguardado parque de diversão. Era comum nas festividades cívicas

---

<sup>17</sup> SOARES, Elizabeth Nelo. **Largos, coretos e praças de Belém – PA**. Brasília, DF: IPHAN/Programa Monumenta, 2009.

da cidade como as do padroeiro a senhora Luiza Bispo das Chagas montar o seu parque de diversão no centro da cidade nas proximidades das praças. Patinhas, carrinhos, gangorras, balanços eram alguns dos brinquedos que faziam a animação de crianças e jovens da cidade. Além disso, Luiza Bispo era responsável por algumas barraquinhas onde se vendia cachorros-quentes, guloseimas e bebidas renovando as energias daqueles que buscavam sempre brincar mais de uma vez no parque.

Madrinha (Luiza Bispo) era a única que tinha na época um parque de diversão. Geralmente ela com sua equipe montava o parque nas festas da cidade e na festa do Bom Jesus. Durante as festas vendia uns cachorros-quentes que eram muito gostosos. Além da gengibirra<sup>18</sup>, que ela mesma fazia, ela vendia outras bebidas na barraquinha. Geralmente a gente ficava ajudando ela no período das festas. Durante o resto do ano o parque ficava guardado aqui nos fundos da casa que hoje é minha, mas que na época pertencia a ela<sup>19</sup>.

Além dos parques, durante as festividades da cidade, era comum que algumas escolas organizassem desfiles com seus alunos. A Banda Santa Cecília de São Bento do Una promovia algumas apresentações públicas nas praças, principalmente no coreto da Praça Cônego João Rodrigues. Essas atividades movimentava muito a cidade. Pessoas do espaço rural se organizavam para vir, pelo menos um dia das festividades, para o centro da cidade. Alguns barraqueiros, vendo nas festividades um momento oportuno para ganhar dinheiro, costumavam colocar barraquinhas de jogos, comidas, objetos de adorno atraindo muitas pessoas. Na festa do centenário de São Bento do Una, em 1960, o Ginásio Municipal Lenita Fontes Cintra organizou juntamente com a banda do colégio Diocesano de Garanhuns-PE um grande desfile trazendo para as calçadas e praças os são-bentenses entre outras pessoas que costumavam visitar parentes e amigos neste período.

Estes desfiles ajudaram a enraizar as festividades da cidade, principalmente a de emancipação, a mais festejada. O centro da cidade cada vez mais ia ficando movimentado. Pessoas constantemente eram vistas transitando nas calçadas, ruas e principalmente nas praças da urbe. Como nos afirma Soares, a praça é certamente “o palco é cenário existencial; a todo momento foi coadjuvante da história”. Nas décadas

---

<sup>18</sup> A Gengibirra é uma bebida geralmente produzida com frutas ou grãos de arroz fermentados em água armazenada em baldes e/ou outros recipientes fechados.

<sup>19</sup> Trecho de uma entrevista concedida por Zuleide Barbosa da Silva em setembro de 2011.

seguintes a de 1960 muitas foram as transformações que mudaram e continuam mudando o comportamento e a relação pessoa-espaço na cidade de São Bento do Una. Sem dúvida todos estes eventos públicos foram importantes para a história da cidade de São Bento, pois os mesmo colaboraram no resgate e valorização da história e da memória de uma cidade em transformação.

## FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### a) ENTREVISTA ORAL:

Entrevista oral concedida por Zuleide Barbosa da Silva, Lêucio Mota e Sebastião Bernardino de Souza entre os meses de julho a dezembro de 2011 na cidade de São Bento do Una-PE.

### b) FONTES IMPRESSAS EM LIVROS E REVISTAS:

CALDEIRA, Junia Marques. **A praça brasileira, trajetória de um espaço urbano: origem e modernidade.** (Doutorado em História), IFCH/UNICAMP, 2007.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

LLORCA apud SOARES, Elizabeth Nelo. **Largos, coretos e praças de Belém – PA.** Brasília, DF: IPHAN/Programa Monumenta, 2009.

PEREIRA, Luiz Antônio da Costa. A cidade e a modernidade. **Presença: revista de educação, cultura e meio ambiente**, v. 5, Nº23, nov. 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.** Revista Brasileira de História. São Paulo, vol.27, n.53, jan-jun. 2007, p.11-23.

SOARES, Elizabeth Nelo. **Largos, coretos e praças de Belém – PA.** Brasília, DF: IPHAN/Programa Monumenta, 2009.

### c) FONTES EM MEIO ELETRÔNICO

IBGE. **Anuário Estatístico do Brasil.** População do Brasil, na data do recenseamento Geral de 1940. Disponível em:

[http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos\\_xls/palavra\\_chave/populacao/densidade\\_de\\_mografica.shtm](http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_xls/palavra_chave/populacao/densidade_de_mografica.shtm).

VI Simpósio Nacional de História Cultural  
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar  
Universidade Federal do Piauí - UFPI  
Teresina-PI  
ISBN: 978-85-98711-10-2

SILVA, Sheyla Pinto da. Considerações sobre o relacionamento amoroso entre adolescentes. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 22, n. 57, Ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/>.